



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELLY CRISTINA ANDRELO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO AMBIENTE DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

LONDRINA
2010

DANIELLY CRISTINA ANDRELO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO AMBIENTE DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação,
Curso de Pedagogia, da Universidade
Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^ª. Marta Silene Ferreira
Barros

LONDRINA
2010

DANIELLY CRISTINA ANDRELO

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO AMBIENTE DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação,
Curso de Pedagogia, da Universidade
Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA (S)

Dedico este trabalho a todos que me apoiam durante essa caminhada, em especial minha família e meu namorado.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço a minha orientadora Marta Silene Ferreira Barros pela constante orientação neste, dando-me atenção e orientação fundamental para que este trabalho se concluísse de maneira satisfatória.

Agradeço à professora Heloisa Irei Sato que me acompanhou no período de um ano e meio, dando-me igual atenção, dedicação e subsídios para a preparação deste trabalho.

Epígrafe

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los, sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade.

ANDRELO, Danielly Cristina. **A importância do brincar no ambiente da educação infantil**. 2010. (p.41) Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância do brincar no interior dos ambientes de educação infantil. Para isso, abordaremos a concepção de infância vista nos diferentes momentos da sociedade, passando do período da Antiguidade até os dias de hoje. Dessa forma apresentaremos o conceito de jogo, brinquedo e brincadeira, bem como, apontaremos os benefícios que o brincar proporciona à criança. Dessa maneira, discutiremos a importância das escolas expandirem suas concepções a respeito da utilização da ludicidade para o desenvolvimento pleno das crianças. Destacaremos a figura do professor como mediador do processo ensino-aprendizado. Salientaremos a importância da utilização de inúmeros ambientes existentes na instituição, para que não somente na sala de aula o brincar e a aprendizagem aconteçam de maneira prazerosa.

Palavras-chave: Criança; Ludicidade; Professor; Brincadeira; Jogo.

ANDRELO, Danielly Cristina. **The importance of play in early childhood education environment**. 2010. (p.41) Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

This paper aims to present the importance of playing within childhood education environments. For that, we'll approach the conception of childhood in different stages of society, from antiquity to nowadays. By that, we'll present the concept of game, toy and children's play, as well as point the benefits brought by playful activities to children. In this way, we'll discuss the importance of the school expanding its conceptions about the use of the playfulness to the full development of children. We'll point out the teacher as the teaching-learning process mediator. We'll accentuate the importance of the various ambiances in the institution, so that, not only in the classroom, the playing and learning occur in a pleasant way.

Keywords: Child; Playfulness; Teacher; Playing; Game.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	9
2 A criança e o brincar: Contextualização em diferentes momentos históricos.....	11
2.1 As diferentes concepções de infância ao longo da história.....	11
2.2 As influências históricas que marcaram o surgimento das instituições escolares para crianças	16
2.3 A importância da ludicidade para o desenvolvimento da criança.....	19
3 O brincar utilizado como ferramenta de ensino-aprendizagem dentro das instituições escolares	25
Considerações finais	35
Referências	37

1 INTRODUÇÃO

Frente a temas vistos nas aulas ministradas por professores no decorrer do curso de Pedagogia, o que despertou grande interesse foram assuntos ligados diretamente à Educação Infantil e mais precisamente ao brincar. Segundo Cunha (1998, p. 39) o brincar é “[...] essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria [...]”. Assim, vemos que a brincadeira é uma necessidade básica assim como a saúde, nutrição, educação e precisa ser respeitada.

Perante esse tema e experiências obtidas com estágio não obrigatório observei que parte dos educadores estão apenas focando o aprendizado nas apostilas, nas folhas mimeografadas e não exploram o mundo lúdico, não aproveitam para inserir em suas aulas atividades em que o jogo e a brincadeira podem ser utilizadas como maneira de aprendizado.

A motivação pela escolha do tema caracterizou-se pela falta de possibilidade nos ambientes educativos para a criança exercer a sua capacidade de criar de imaginar, de adquirir riqueza e diversidade nas experiências que lhe são oferecidas por meio das atividades lúdicas. Frente a isso acreditamos que os jogos e as brincadeiras devem estar diariamente inseridos nas escolas como instrumento diversificado de aprendizado.

O presente trabalho tem como objetivo abordar o brincar como essencial ao desenvolvimento da criança. Para tanto, analisaremos como a concepção de criança e do brincar vem se estruturando no decorrer dos anos e como o brincar vem sendo utilizado nos dias de hoje como ferramenta de ensino-aprendizagem dentro das instituições escolares da Educação Infantil. Dessa maneira, este trabalho foi estruturado em dois capítulos. No primeiro, evidenciaremos a concepção de infância nos diferentes momentos históricos. Após isso, abordaremos os conceitos de jogo, brinquedo e brincadeira. No segundo capítulo, mostraremos a importância do brincar no desenvolvimento da criança da Educação Infantil, bem como salientaremos quais benefícios o brincar proporciona para a criança.

Dessa maneira, o trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, em que reunimos diversos autores que discutem a respeito de tal tema.

Nesta discussão, analisaremos a forma como a criança era vista, fazendo um contraponto com os dias hoje; um ser possuidor de direitos. Assim, mostraremos como estas eram vistas em cada período histórico desde a antiguidade até os dias de hoje. Dessa forma, enfatizaremos que o brincar nunca deixou de existir nesses diferentes momentos, ele apenas muda de foco. Antes tínhamos famílias numerosas, espaços de convivências amplos; com o surgimento das fábricas esse brincar passou a não ser tão livre, as crianças passaram a brincar nos quintais, ou em lugares pequenos.

Em seguida, abordaremos a importância das instituições escolares ampliarem suas concepções a respeito da utilização dos jogos e das brincadeiras na rotina escolar, fazendo com que o aprendizado e a formação das crianças seja o mais natural possível; deixando-as brincarem com outras de diferentes idades, em diversos lugares e explorando assim sua criatividade e o conhecimento que já possui do mundo. Nesta discussão salientaremos a figura do professor como mediador desse processo, mostrando que o mesmo deverá se organizar para que o brincar seja incrementado no dia-a-dia dessas crianças. Dessa maneira, ele poderá utilizar diversas estratégias, como a construção dos cantos nas salas de aula, utilização da quadra em diversos momentos para que haja o encontro de diversas idades, entre outros.

2 A CRIANÇA E O BRINCAR: CONTEXTUALIZAÇÃO EM DIFERENTES MOMENTOS HISTÓRICOS.

Neste capítulo abordaremos a visão que se tem de criança e do brincar em diferentes momentos da sociedade, entendendo que essa visão é construída historicamente e por isso, podemos perceber os grandes contrastes em relação à concepção de infância. Nesse sentido, o que hoje pode parecer algo muito contraditório, como a indiferença à criança, há anos atrás era algo “normal”.

2.1 As diferentes concepções de infância ao longo da história

Para entendermos melhor a concepção de infância historicamente construída iremos abordá-la de maneira sucinta, apresentando o significado de infância e o lugar social que a criança ocupava e ocupa nos diferentes períodos sociais.

De acordo com Moreno (2008) as crianças nunca deixaram de existir, porém o termo infância é uma invenção cultural dos séculos XVII e XVIII. Para a autora, ser criança significa “[...] antes de qualquer coisa, ser pessoa, ser gente que se alegra e se entristece, que chora e que sorri, que brinca, que fantasia, que se cansa e que se anima; um sujeito único, complexo e individual.” (MORENO, 2008, p. 23).

A palavra infância no latim significa incapacidade de falar. Essa incapacidade de acordo com Kuhlmann (1998) vinha atribuída à criança no período chamado de primeira infância e que às vezes se estendia até os sete anos de idade. Essa etapa era vista como sendo a passagem para a idade da razão. Dessa forma, segundo Kuhlmann (1998), alguns autores de diversas épocas como: Platão, Agostinho e Descartes, dentre outros, relatam que a infância se contrapõe à vida adulta, pois os comportamentos considerados racionais seriam encontrados apenas nos adultos, identificando assim o adulto como um homem pensante, com capacidade de mudar o mundo, diferentemente das crianças vistas como seres incapazes.

De acordo com Azevedo (1999) ao longo dos anos a concepção de criança diferencia-se, passando do anonimato até o seu reconhecimento. Assim, nas

sociedades antigas, as crianças eram consideradas seres inferiores, incompletos, submissos aos adultos, e o que pensavam ou produziam era sempre desqualificado.

Essa concepção não sofre muitas transformações em relação à sociedade medieval. Azevedo (1999) relata que na sociedade medieval não se tinha uma valorização da infância, assim, quando pequena e frágil a criança não poderia se misturar à vida dos adultos, porém quando começava a andar sozinha e a desempenhar pequenas tarefas, ela era confundida com os adultos. A diferenciação se dava em um curto período, até superar a fase de alto risco da mortalidade. Portanto, durante esse período ela não era contada como um membro da família. Após essa fase, a criança começava a se desenvolver e era misturada na sociedade dos adultos, compartilhando as experiências de trabalho, lazer, dentre outras. Assim, a infância era uma fase muito reduzida. De acordo com Azevedo (1999), ainda na sociedade medieval foi dado um novo sentido à infância: a criança passa a ser vista como fonte de distração e relaxamento para os adultos, porém ela ainda era vista como um elemento neutro, sem muita importância. Podemos perceber essas idéias por intermédio da fala de Ariès (2006) quando o mesmo relata

As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (p.10).

A morte dessas crianças como relata o autor acima citado era vista como algo natural e não merecia ser lamentada. Por isso, as pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual.

Dessa forma, percebemos que o *status* de criança nessa sociedade era praticamente nulo; sua existência ainda dependia do poder do pai como mostrou o autor ao comentar a infância no período da antiguidade.

Diferentemente do que ocorria na Antiguidade e Idade Média, a era Moderna dá origem a um novo tipo de pensamento em relação à concepção de infância. De acordo com Azevedo (1999) a criança é vista como um adulto em miniatura. Ainda durante este período a criança passa a ser associada à idéia de inocência; tem-se então a necessidade de protegê-la. A partir desse movimento a

autora relata que a criança passa a ser vista como anjo, daí surge a diferenciação do vestuário, restrição ao espaço de convívio, diferenciação na literatura e o surgimento da escola como lugar de substituição da aprendizagem. Para Azevedo (1999) o surgimento da escola nos tempos modernos seria “[...] um meio de isolar cada vez mais as crianças do mundo dos adultos durante o período de formação moral e intelectual e adestrá-la sob regime disciplinar rigoroso e autoritário” (p. 36).

É importante ressaltar que com o passar dos séculos a concepção vai se modificando até chegar ao que se entende hoje por infância. Atualmente a criança é vista como um ser que possui direitos e identidade própria. A infância que antes era vista como um processo de passagem para a vida adulta, sendo um momento neutro, ou como algo sem importância passa nos dias de hoje a contar com várias leis e documentos que garantem seus direitos. De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que contempla em seu artigo 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990).

Ressaltamos ainda o que reza a Constituição Federal de 1988, que nos relata em seu artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, p.1).

Destacamos, além disso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) que nos descreve: “[...] as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”.

Após observarmos as inúmeras mudanças que tivemos no decorrer dos anos, podemos perceber o quanto a visão de criança e infância foi modificada. Como fora mencionado anteriormente, a infância na antiguidade era vista apenas

como uma passagem à vida adulta, como algo sem importância, hoje, diferentemente, a criança é um ser possuidor de vários direitos e conta também com inúmeras leis; entre elas o direito de brincar, visto antigamente como algo dispensável. Atualmente sabemos que o ato de brincar deve ser priorizado nos diferentes ambientes, os quais as crianças freqüentam, dentre eles a escola, considerada antes como um local apenas para guardar as crianças.

Após observarmos a concepção que se tem de infância nos diferentes períodos históricos, cabe-nos agora salientar o que impulsionou o surgimento da Educação Infantil no Brasil, explicitando também a entrada das creches e jardins de infância no país.

Do ponto de vista histórico, a Educação Infantil vem sendo cada dia mais expandida no Brasil. Durante alguns anos a educação da criança era vista como responsabilidade apenas das famílias, dessa maneira, a criança convivia com as pessoas da própria família aprendendo assim suas tradições. De acordo com Oliveira (2002) isso acontecia corriqueiramente na zona rural em que famílias assumiam a responsabilidade de cuidar de crianças órfãs ou abandonadas. Na zona urbana não poderia ser diferente, crianças eram deixadas por famílias, muitas vezes, com prestígio social nas rodas de expostos existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII. Temos na sociedade contemporânea a transformação do modo de educar e tratar a criança, a qual passa a freqüentar ambientes de socialização.

A partir da segunda metade do século XIX essa situação começou a se modificar. Um fato histórico importante nesse período é a abolição da escravatura e a migração dessas pessoas para a zona urbana. De acordo com a autora, surge neste momento as creches, os asilos e internatos destinados apenas a cuidar de crianças pobres. No final desse século tem-se a entrada das instituições do jardim de infância no Brasil, os quais eram mantidos por entidades privadas, e após alguns anos surgem os jardins de infância públicos, destinados às crianças afortunadas. Estes jardins de infância de acordo com Oliveira (2002) eram confundidos:

Ora com salas de asilos francesas, ora entendidos como um início (perigoso) de escolaridade precoce. Eram considerados prejudiciais à unidade familiar por tirarem desde cedo a criança do seu ambiente doméstico, sendo admitidos apenas no caso de proteção aos filhos de mães trabalhadoras (p.93).

Nesse período observa-se ainda a idéia de que a criança deveria ser educada somente pela família, visto apenas como admissível a educação fora de casa aos filhos cujas mães trabalhavam fora e não tinham onde deixá-los.

No período do Brasil República, tem-se o surgimento de inúmeras escolas infantis e jardins de infância destinados a atender os filhos de imigrantes europeus em que segundo Oliveira (2002), tem-se a primeira escola de Educação Infantil em 1908 de Belo Horizonte e em 1909 o primeiro Jardim de Infância municipal do Rio de Janeiro.

Friederich Froebel (1782-1852) considera a criança como ser criativo e sugere a educação dessa pela auto-criatividade e pelos jogos, de acordo com o desenvolvimento humano. Dessa forma, ao inserir suas idéias em uma instituição, Froebel cria então o jardim-de-infância, o chamado kindergarten, conhecido pelo cultivo da vida social livre e cooperativa como assegura Kishimoto e Pinazza (2007).

De acordo com Kishimoto (2000), Froebel ao perceber o desenvolvimento normal entre infância, juventude e maturidade, verifica a necessidade de educar a criança desde o nascimento, garantindo dessa maneira a relação dessas etapas visando o pleno desenvolvimento do ser humano, assim, a autora complementa que o projeto kindergarten sustenta que “A repressão e a ausência de liberdade à criança impedem a ação estimuladora da atividade espontânea, considerada elemento essencial no desenvolvimento físico, intelectual e moral” (KISHIMOTO, 2000, p.228).

É essencial salientar que desde muito tempo se percebe a brincadeira como um instrumento importante, a qual vem sendo explorada por diversos autores, em que nos mostram o valor dela no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, Froebel (*apud* KISHIMOTO, 2000, p. 229) nos apresenta sua concepção de que: “[...] a brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e ao mesmo tempo típica da vida humana. Ela dá alegria, liberdade [...]”. O autor ainda conclui: “[...] a criança que brinca sempre, com determinação auto-estima, pode certamente tornar-se um homem determinado [...]”.

2.2 As influências históricas que marcaram o surgimento das instituições escolares para crianças

Após termos salientado as diferentes concepções de infância ao longo da história, bem como sucintamente apresentamos a importância da brincadeira que aos poucos se introduz nas instituições escolares, consideramos oportuno evidenciar as mudanças ocorridas na sociedade com: a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a nova estruturação familiar, a mudança do campo para a cidade e o reflexo dessa alteração nas instituições.

Conforme a análise realizada é mister ressaltar um fato histórico que influencia vários aspectos da sociedade. Um dos fatos diz respeito à Revolução Industrial em que marca um processo de grandes transformações econômicas e sociais que se iniciou em meados do século XVIII na Inglaterra. Essa revolução de acordo com Brasil Escola se caracterizou pela passagem da manufatura à indústria mecânica, fazendo com que aumentasse o rendimento da produção. Antes a atividade produtiva era somente artesanal e manual ou com apenas algumas máquinas simples. Assim, algumas vezes grupos de artesãos se organizavam para dividir algumas etapas do processo de produção, porém na maioria das vezes um único artesão cuidava de todo o processo, desde a obtenção da matéria prima até a venda do produto. Todo esse processo era feito na casa dos próprios artesãos. Com a chamada Revolução Industrial esse processo deixa de existir e os trabalhadores perdem o controle do processo produtivo, pois passam a trabalhar para um patrão, controlando agora as máquinas existentes nas fábricas. Dessa forma, a Europa agrária foi se transformando em uma região de cidades industrializadas e populosas, e com o tempo essa revolução influenciou a vida de milhões de pessoas em todo o mundo, inclusive o Brasil.

Assim, no Brasil, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as crianças não tinham com quem ficar e iam para as creches, ou jardins de infância dependendo da condição financeira da família. Dentro dessas instituições as brincadeiras e a socialização ocorriam de forma livre e espontânea.

Dessa maneira, de acordo com Oliveira (2002) durante o processo de intensificação da industrialização e urbanização, as instituições infantis foram ampliadas. No início do século XX, essa ampliação corroborou para que ocorressem modificações na estrutura familiar tradicional, com um grande número de mulheres passando a ser admitidas pelas fábricas, pois a mão-de-obra masculina estava na lavoura.

A partir dessas mudanças, na visão da autora, as mulheres passaram a deixar seus filhos na creche da própria indústria, porém nem todas ofereciam este tipo de auxílio à mãe trabalhadora. Conforme Oliveira (2002):

O problema do cuidado de seus filhos enquanto trabalhavam não foi, todavia, considerado pelas indústrias que se estabeleciam. Levando as mães operárias a encontrar soluções emergenciais em seus próprios núcleos familiares ou com outras mulheres (OLIVEIRA, 2002, p. 95).

Ainda de acordo com a autora, as trabalhadoras que não tinham esse privilégio deixavam seus filhos com sua própria família ou com outras mulheres, chamadas de criadeiras, estigmatizadas por fazedoras de anjos em decorrência ao grande número de mortalidade infantil por elas atendidas.

Surgem ligadas a essa idéia muitas discussões referentes a baixos salários, lugar de guarda das crianças, o real lugar das mulheres. Nesse momento, alguns educadores se preocupavam com a qualidade do trabalho pedagógico realizado nos locais onde essas crianças se encontravam, até então vistos como lugares apenas de guarda e cuidado.

De acordo com Oliveira (2002) ainda nesse momento de efervescência, surge um movimento de renovação pedagógica, o chamado escolanovismo que veio contrapor com o que era considerado tradicional. Um dos precursores desse movimento, John Dewey (1859-1952), norte-americano, inserido neste contexto, revolucionou o sistema educacional da época, propondo novas técnicas pedagógicas. Estas técnicas foram fundamentadas no pensamento liberal chamado também de Escola Nova, representando no cenário educacional uma opção contraditória ao ensino tradicional.

Este novo ideário partia do princípio de que a escola deveria atuar como instrumento para a edificação da sociedade por meio da valorização das qualidades pessoais. Dessa forma, ele defendia que a educação deveria ser fator de transformação social.

É a partir do século XIX que essa nova concepção passa a ser utilizada como fonte de mudança pedagógica, mudando dessa forma o foco de trabalho que se tinha antigamente, passando a ter o foco na disciplinarização do corpo e de seus gestos, respeito às normas higiênicas, dentre outros. Assim, de acordo com Vidal (2003) tem-se:

[...] a centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno (p. 497).

Com essa renovação pedagógica surgem também vários jardins de infância, porém nenhum voltado ao atendimento às crianças da camada menos favorecidas.

Com a grande urbanização e industrialização das cidades aparecem preocupações referentes ao saneamento básico, moradias, infra-estrutura, entre outros. As creches seriam uma preocupação na visão dos sanitaristas, assim como o higienismo, a puericultura e a filantropia que de acordo com Oliveira (2002) passam a dominar a época, visto que ocorreu uma grande preocupação com o desenvolvimento da criança, visando posteriormente que essa criança pudesse ser utilizada como mão-de-obra. A partir desse intuito as creches foram construídas e planejadas como instituições de saúde, com rotinas, lactários, enfermeiras e grande preocupação com a higiene do local.

Com tamanha preocupação com o ambiente das creches as instituições filantrópicas passam a fazer convênio com instituições escolares para promover o aleitamento materno e conseqüentemente minimizar a mortalidade infantil. De acordo com a autora, as creches agregavam um caráter assistencialista, pois mostravam-se preocupadas com alimentação, higiene, segurança física, sendo que o trabalho intelectual era pouco valorizado.

De acordo com Oliveira (2002) na década de 70 do século XX, com as transformações sociais, bem como o crescimento do operariado, surgiram reivindicações como: a entrada da mulher da classe média no mercado de trabalho, preocupação com a segurança, agravamento do trânsito, que dentre outros fatores causaram a redução dos ambientes adequados às brincadeiras infantis. Estes lugares eram locais onde as crianças se desenvolviam em ambientes espaçosos, com moradias coletivas e famílias numerosas; assim as trocas se davam com pessoas da própria vizinhança, parentes, irmãos. Com a diminuição desses espaços a brincadeira, o jogo e o brincar tornaram-se cada vez mais difíceis de serem realizados em grupos.

Após um breve relato a respeito da concepção de criança, da mudança da população da zona rural para urbana, da introdução das mulheres no mercado de trabalho, criação das escolas, creches, e a visão de muitos historiadores a respeito do brincar dentro e fora dessas instituições, sentimos a necessidade de apresentar como o brincar vem sendo visto e utilizado nas creches e escolas.

2.3 A importância da ludicidade para o desenvolvimento da criança

Percebe-se que o lúdico sempre esteve presente em nossa sociedade, visto na maioria das vezes como sendo algo agradável quando não obrigatório. Kishimoto (1998) relata que a cultura lúdica é produzida por movimentos internos e externos, por meio dos quais a criança adquire e constrói essa cultura brincando.

Assim para Kishimoto (2000) isso se torna mais explícito quando se refere à fala de Brougère (1990, p. 68) o qual nos relata que a brincadeira surge como uma maneira de sair do mundo real e se projetar em um universo inexistente, um universo em que a criança se torne o que quiser, mostrando assim seus desejos.

Oliveira (2005) comenta que ao imitar o outro as crianças experimentam diversas possibilidades de ações onde estão inseridas, diferenciando elementos originais trazidos para o presente, permitindo recuperar o passado no presente, projetando-o para o futuro, abrindo-se para o novo.

Assim como nos assegura os autores acima citados, percebe-se que durante a brincadeira a criança projeta todo o seu conhecimento adquirido e acumulado para o momento lúdico, permitindo que este se torne um momento de diversão, conhecimento e possibilidades para novas aprendizagens.

Para Andrade e Marques (2003) as palavras brincadeira e brinquedo possuem um campo semântico direcionado ao universo da criança, proporcionando que aflore memórias, imagens e imaginações.

A brincadeira para os autores citados é vista como uma atividade espontânea, em que reúnem memórias, relações interpessoais, trocas de cultura, liberdade, projeção com o mundo existente, descanso e contentamento ao indivíduo.

Dentro da perspectiva da brincadeira temos o termo jogo visto por muitos educadores ou pela família, como sendo apenas um momento de recreação,

ou como algo sem importância, no qual se deixa a criança na mesma atividade por horas, apenas para passar o tempo ou para não dar trabalho.

A partir de estudos realizados sobre o lúdico temos muitos autores que mostram seus posicionamentos. Andrade e Marques (2003) são uma dessas referências. Para eles o jogo aparece muitas vezes com o sentido de brincadeira ou brinquedo, e outras vezes ela explicita a presença de regras ou utilização de algum material. Os autores nos remetem a criação de novos jogos e coloca como exemplo o tabuleiro cooperativo que para jogar, a criança necessita de princípios de cooperação, sendo que os jogadores necessitam atingir juntos um único objetivo, ganham todos se colaborarem e perdem juntos se não colaborarem. Este jogo pode ser exemplificado hoje como o jogo de corrida de bastão, em que todos devem atingir juntos um mesmo objetivo.

Kishimoto (2000) comenta que para Vygotsky (1984) o brincar, tem origem na situação imaginária criada pela própria criança, por meio da qual seus desejos podem ser todos realizados. Dessa forma:

As crianças querem satisfazer certos desejos que muitas vezes não podem ser satisfeitos imediatamente. Por exemplo: uma criança quer ocupar o papel da mãe, porém, esse desejo não pode ser realizado imediatamente [...] (p.61).

Para o autor esse mundo é visto como a brincadeira, pois a imaginação é tida como atividade consciente que não está presente na criança muito pequena. A autora cita ainda Piaget que nos expõe que o brincar representa uma fase de desenvolvimento da inteligência marcada pelo domínio de assimilação sobre a acomodação e tem função de consolidar a experiência passada. Assim o brincar não pode ser visto apenas no presente, pois ao brincar a criança tenta resolver problemas do passado e também projeta-se para o futuro.

Kishimoto (2000) menciona em sua obra o pensamento de Caillois (1958). Ela evidencia que Caillois nos remete as características do jogo como sendo "... a liberdade de ação do jogador, separação do jogo em limites tanto de espaço quanto de tempo, o caráter improdutivo de não criar nem bens nem riqueza e suas regras... (p. 24).

Portanto, de acordo com Kishimoto (2000) quando se joga não se pode criar coisa alguma, não demonstrando um resultado final à criança, mostrando que o importante é apenas o processo do brincar e não aquisições de conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade.

Ainda dentro da concepção do brincar da referida autora encontramos o brinquedo, objeto de grande importância para as crianças, que vem sendo utilizado nas mais diversas formas.

É importante salientar que os brinquedos acompanham as crianças desde os tempos antigos, os quais de acordo com Benjamin (1984) não foram inventados por fabricantes especializados, e sim por “oficinas de entalhadores de madeira” (p.64), sendo vistos como produto secundário das indústrias manufatureiras.

Com o passar dos anos tem-se a preocupação com o brinquedo educativo. De acordo com Kishimoto (2000), o brinquedo educativo vem dos tempos do Renascimento, sendo entendido como um recurso que ensina, desenvolve e educa a criança de forma prazerosa. Segundo ela o brinquedo tem as seguintes funções:

[...] função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente; e função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. (KISHIMOTO, 2000, p. 37).

A partir da fala de Kishimoto (2000) subentende-se que o brinquedo não pode ser visto apenas como um objeto com o qual a criança se diverte e se distrai, e sim como uma forma de conhecer a si própria, os indivíduos que a cercam e o mundo que a rodeia.

Para Kuhlmann (1998) o brinquedo é visto como instrumento de socialização, instrumento educacional, proporcionando às crianças uma grande quantidade de noções intelectuais.

A partir dessas definições entendemos que com o avanço da industrialização e, conseqüentemente, com a diminuição do espaço, o ato de brincar acaba mudando de foco. Percebemos com o breve contexto histórico já apresentado no início do capítulo que tivemos várias transformações em nossa sociedade que acarretaram diversos ajustes pela mesma, e o brincar é um deles. Antes a brincadeira acontecia em ambientes abertos e espaçosos com muitas crianças, e

percebemos que com o tempo esse tipo de brincadeira acaba se tornando mais escassa. Antigamente as crianças brincavam de amarelinha, bonecas feitas de madeira ou de outro objeto, pião entre outros. Hoje muitas dessas brincadeiras foram substituídas pelo vídeo game e o computador. De acordo com Benjamin (1994.) a criança do mundo de hoje se atrai cada vez mais pelo mundo adulto e em consequência disso, não possui tempo para vivenciar brincadeiras "utilizadas" pelos seus pais, pois os mesmos não possuem tempo para transmiti-las.

Dessa forma, podemos perceber que este ato deveria, portanto ser uma atividade necessária e fundamental para a criança. Entretanto acaba sendo cada vez menos favorecida. De acordo com Oliveira (2005) várias funções cognitivas estão interligadas com o brincar: o afeto, a motricidade, a linguagem, a representação entre outros. Entendemos que a brincadeira auxilia no equilíbrio afetivo da criança, desenvolve condições para uma transformação da consciência, pois exige dos pequenos formas complexas de relacionamento com o mundo.

De acordo com Aberrastury (1992) o ato de brincar é algo espontâneo e natural da criança, e percebemos isso quando observamos a transição do seu crescimento. Segundo a autora, quando se ainda bebê muitas das tentativas de explorar o ambiente é que irão dar base à futura atividade lúdica. Em torno dos quatro meses a autora comenta que o pequeno inicia sua atividade lúdica brincando e descobrindo seu corpo e os objetos que estão à sua volta. Entre os quatro e seis meses afirma que a criança adquire modos de elaborar a angústia da perda; percebendo que tanto as pessoas quanto os objetos podem aparecer e desaparecer. Depois dos três anos a criança já consegue fazer uma imagem total do corpo, após os cinco inicia-se a preferência por diferentes brincadeiras; os meninos brincam de fantasias e as meninas preferem brinquedos mais tranquilos, como bonecas, fazer comida, entrando assim no universo de aprendizagens femininas.

Dentro da perspectiva de Aberrastury (1992), percebe-se a importância do brincar para as crianças, vê-se que antes mesmo de vir ao mundo elas já apresentam tentativas de explorar o ambiente e conseqüentemente quando nascem, iniciam a vida escolar, o explorar, o descobrir e o entender vai se tornar cada vez mais atrativo.

Dessa forma, percebe-se um fator positivo em relação ao processo de industrialização, o qual como já fora mencionado corroborou para o crescimento das cidades, pois muitas pessoas saíram dos campos a procura de empregos e

melhores condições de vida, porém para as crianças esse momento foi de muita perda, pois os ambientes que aconteciam as brincadeiras em grupos foram minimizados.

Percebe-se de acordo com a história que a brincadeira não era utilizada como forma de aprendizado, mais sim como recreação. Mesmo com o passar de muitos anos observa-se que muitas instituições e profissionais ainda agregam o termo brincar à recreação não dirigida. Andrade (2007) relata sua observação feita em uma Creche, onde as atividades realizadas ao ar livre tinham somente integração entre crianças de diferentes idades. Na quadra as crianças levavam bola, giz, corda e no pátio a professora levava um saco de brinquedos estragados e sucatas. A autora relata que não havia programação de atividades, as crianças então faziam o que queriam, e eventualmente as professoras brincavam com as mesmas. Andrade (2007) menciona ainda a falta de atenção dos adultos frente às brincadeiras livres, muitas vezes por falta de informação ou interesse dos mesmos acabam vendo esse momento tão importante para a criança como sendo uma mera distração. Nota-se isso também na fala de Andrade e Marques (2003) em que o adulto vê a brincadeira apenas como um passatempo, já para a criança o brincar é uma questão de sobrevivência, é uma ferramenta para que ela possa compreender o mundo e intervir em sua vida.

Embora tenha-se discutido muito para que fosse modificada a concepção de que o brincar é uma atividade que merece ser utilizada como ferramenta de aprendizagem, ela continua em muitos espaços educacionais sendo empregada como passatempo ou mera recreação, deixando com que oportunidades de ensino sejam agregadas a esse momento. Para Brougère (2001): a criança “[...] brinca com substâncias materiais e imateriais que lhe são ofertadas. A criança brinca com o que tem nas mãos e com o que tem na cabeça” (p.105).

Para que essa atividade seja desenvolvida com empenho, compete ao educador propor atividades ligadas a esse momento como instrumento de ensino e aprendizagem. A partir dessa perspectiva Andrade e Marques (2003, p.39) asseguram “[...] Não existe criança desinteressada, existe educador que não pescou a linguagem adequada da criança [...]”. Outro autor que trata da questão é Fantin (2000) em que evidencia que quando brinca a criança

[...] se relaciona, experimenta, investiga e amplia seus conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo que está ao seu redor. Através da brincadeira podemos saber como as crianças vêem o mundo e como gostariam que fosse, expressando a forma como pensam, organizam e entendem o mundo. Isso acontece porque, quando brinca, a criança cria uma situação imaginária que surge a partir do conhecimento que possui do mundo em que os adultos agem e no qual precisa aprender a viver (FANTIN, 2000 *apud* SILVA, 2001, p.36).

Para Vygotsky (1984) o brinquedo

[...] cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se ao seu nível básico de ação real e moralidade (VYGOTSKY, 1984 *apud* SILVA, 2001, p. 40).

Dessa forma percebemos que diferentemente do que ocorria antigamente, a criança hoje é vista como um sujeito de direitos e que carece ter suas necessidades físicas, psicológicas, cognitivas, emocionais e sociais supridas, ela é considerada um ser competente, tem suas necessidades, modos de agir e pensar que lhe são próprios, é considerada como alguém que tem a sua própria identidade.

Apesar da grande mudança ocorrida referente à concepção que se tem de infância, uma coisa perdurou; o brincar que durante muito tempo vem acompanhando essas crianças ainda está presente em nossa sociedade de uma maneira diferente e com outros olhares.

3. O BRINCAR UTILIZADO COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DENTRO DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Após abordarmos a visão de criança e do brincar em diferentes contextos históricos, partindo da Antiguidade até os dias de hoje. O trabalho se fundamenta em uma teoria que discute acerca da importância do brincar nos espaços escolares da Educação Infantil como ferramenta para o desenvolvimento das crianças.

Sabemos que os primeiros anos de vida da criança são decisivos para a formação da mesma, por isso essa etapa deve ser completa, visto que se figura em um período que ela está construindo sua própria identidade. Nesse sentido, é importante as instituições escolares ampliarem suas concepções a respeito da utilização do brinquedo e dos jogos no cotidiano escolar, fazendo com que o aprendizado e a formação das crianças seja o mais natural possível, deixando-as conviver em grupos, com crianças de diferentes faixas etárias, e em diversos lugares, explorando dessa maneira sua criatividade e seu conhecimento sobre o mundo que a rodeia.

Para essa discussão abordaremos as concepções do brincar a partir da fala de diversos autores, mostrando assim o posicionamento que os mesmos apresentam sobre o brincar na Educação Infantil e como os educadores estão se organizando para que esse brincar esteja presente no dia-a-dia das crianças. Assim discutiremos a importância do planejamento, a organização do espaço, a observação do professor e o seu posicionamento no brincar direcionado nas instituições escolares.

Luckesi (1998) *apud* Maluf (2009, p. 22) aborda a atividade lúdica como sendo “ação que pode propiciar a plenitude da experiência, por isso proporciona prazer ao ser humano, seja como exercício, como jogo simbólico ou como jogo de regras”. Ele afirma ainda: “uma atividade lúdica pode não ser divertida”.

Percebemos que a atividade lúdica é essencial na vida da criança, pois ela dá liberdade de ação, possibilita repetição, realização simbólica dos desejos, desperta a fantasia, porém quando são impostas e não apresentam significação para a criança naquele momento, isso faz com que essa atividade gere desprazer por não suprir a necessidade que a criança apresenta naquele momento.

Verificamos, portanto a importância do instrumento de observação ser utilizado pelos educadores no decorrer do seu trabalho educativo, com o intuito de escolher com adequação as atividades a serem desenvolvidas com as crianças, bem como o tempo de duração da mesma para que não haja tal estranhamento por parte das crianças, proporcionando assim o desenvolvimento de atividades agradáveis e não maçantes.

Na visão de Garcia e Marques (1990) “o aprendizado da brincadeira pela criança, propicia a liberação de energias, a expansão da criatividade, fortalece a sociabilidade e estimula a liberdade do desempenho” (GARCIA E MARQUES, 1990 *apud* CÓRIA-SABINI, 2004, p. 27).

Um tipo de brincadeira muito utilizada no brincar das crianças é o faz-de-conta, dentro dessa perspectiva citamos Vigotsky que relata a importância da situação imaginária muito presente na vida das crianças. [...] O autor relata que o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela própria criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados [...] (VIGOTSKY, 1984 *apud* KISHIMOTO, 2000 p. 64).

Entendemos que as representações para o autor citado significam que, durante a brincadeira, a criança é capaz de fazer mais do que ela pode compreender, Vygotsky (1991) fala de um tipo muito comum de brincadeira entre as crianças; o brincar de comer. Durante essa brincadeira as crianças realizam ações semiconscientes do comer real; assim: “Uma criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo; ao invés disso ela quer e realiza seus desejos, permitindo que as categorias básicas da realidade passem através de sua experiência” (p. 114).

Após essas abordagens entendemos que durante o processo de imitar as atitudes dos outros, a criança atribui significados aos objetos, aos papéis sociais e as relações que vai encontrando em seu cotidiano. Enquanto brincam, imaginam, assumem papéis que necessitam ser combinados com outras crianças, traçam planos para a brincadeira, criam vínculos, enfim, aprendem a viver coletivamente. Verificamos que quando as crianças brincam em grupos aprendem a negociar e a refletir sobre a opinião do outro.

A fim de corroborar a importância do brincar citamos aqui Maluf (2009) que aponta os principais benefícios das atividades lúdicas como sendo: a

assimilação de valores; aquisição de comportamentos; desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento; aprimoramento de habilidades e socialização.

Para tanto, implementamos as abordagens sobre o lúdico citando Elkind (1975), “[...] o jogo é o trabalho da criança. Nos seus jogos, a criança está praticando várias ações que acabarão por ser internalizadas como pensamento” (p.63).

A partir da fala de Elkind constatamos a importância de se utilizar as atividades lúdicas nas instituições escolares de Educação Infantil, permitindo à criança ter um momento de organizar seus pensamentos, seus desejos, suas fantasias, de conviver com crianças da sua idade e/ou diferentes para suprir suas necessidades, assim como nós adultos também fazemos.

Dias (1996, p. 54-55) comenta:

É preciso resgatar o direito da criança a uma educação que respeite seu processo de construção de pensamento, que lhe permita desenvolver-se nas linguagens expressivas do jogo, do desenho e da música. Estes, como instrumentos simbólicos de leitura e escrita do mundo, articulam-se ao sistema de representação da linguagem escrita, cuja elaboração mais complexa exige formas de pensamento mais sofisticadas para sua plena utilização.

A partir dessas abordagens entendemos que a utilização da atividade lúdica enquanto educativa oferece às crianças a compreensão do mundo e o seu conhecimento a respeito dele. Acreditamos que por meio da brincadeira a criança passa a investigar, a sanar suas dúvidas, a despertar sua imaginação. A partir de uma história contada pelo adulto a menina pode se tornar a princesa, a mãe, a professora, o menino um pedreiro ou o pai. Por intermédio da brincadeira as crianças sonham, vão além da sua realidade. Uma atividade com bola, por exemplo, pode se tornar o aprendizado da matemática, português. Enfim, durante a atividade lúdica a criança encontra entretenimento e aprende. Para isso é necessário ter um educador preparado para incrementar essas atividades no espaço da educação infantil.

Sabemos que o mundo da criança está em contínua mudança, e que a mesma necessita de intercâmbios entre a fantasia e a realidade. Dessa forma percebe-se a importância de se utilizar o brincar nos espaços escolares, já que

muitas crianças são postas nessas instituições desde bebês, devido ao processo do mundo moderno, em que pai e mãe precisam trabalhar.

Dessa forma, Cória-Sabini e Lucena (2004) citam em sua obra Pickard (1975), a autora afirma que o espírito de investigação, curiosidade que a criança carrega consigo é o que deve ser explorado no ambiente escolar, pois muitas vezes, uma curiosidade não sanada da criança se esvai e o conhecimento buscado perde sentido para ela. Dessa maneira, Vygotsky (1998) relata:

[...] se as necessidades não realizáveis imediatamente, não se desenvolvessem durante os anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam experimentar tendências irrealizáveis. (VYGOTSKY, 1998 *apud* QUEIROZ, 2006, p.106).

E ainda segundo o pensamento de Piaget,

[...] o jogo é, portanto, formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a essa seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu [...] Os métodos ativos de educação das crianças exigem que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais. (PIAGET, 1975 *apud* CÓRIA-SABINI e LUCENA, 2004, p.41).

Maluf (2009) cita em sua obra Vygotsky (1987) e relata:

[...] as pessoas não nascem como um copo vazio, elas são formadas de acordo com as experiências às quais são submetidas... o desenvolvimento da criança é produto dos estabelecimentos sociais e sistemas educacionais que ajudam a criança a construir seu próprio pensamento e a descobrir o significado da ação do outro e da sua própria [...] (VYGOTSKY, 1987 *apud* MALUF, 2009, p.17).

A autora ainda acrescenta que para Vygotsky (1987 p. 17) “[...] a criança compreenderá as coisas, dependendo das pessoas, que mostraram ações, movimentos e formas de expressão”.

Salientamos que por meio das brincadeiras as crianças satisfazem seus desejos e interesses e é de fundamental importância que as instituições acrescentem em seu cotidiano atividades lúdicas para que contemplem as

necessidades das crianças. Citamos aqui Pagani (*apud* CÓRIA-SABINI e Lucena 2003, p.27) que relata:

Toda criança brinca porque gosta. Para as que ainda não falam, brincar é uma forma de expressar o que estão sentindo, suas experiências e vivências anteriores. Brincar, para a criança, é tão vital como comer e dormir.

Portanto percebemos na fala dos autores citados que não se pode ignorar que a criança satisfaça algumas necessidades por meio do brincar, pois a mesma é capaz de inúmeros desejos que muitas vezes não podem ser realizados no momento imediato, mas posteriormente por meio das brincadeiras. Assim, na sala de aula, a criança busca satisfazer seus desejos não realizados imediatamente, se envolvendo em um mundo imaginário, e com outras crianças, em que seus desejos podem ser concretizados. Este é o mundo que podemos chamar de brincadeira.

Pensando nisso, nós professores devemos incorporar o brincar no ambiente escolar, pois ele é uma ferramenta de fundamental importância tanto para o desenvolvimento intelectual quanto corporal. Ele deve ser visto como indispensável para a formação integral da criança.

De acordo com Cória-Sabini e Lucena (2004) para que todas as necessidades das crianças sejam supridas por intermédio do incremento das atividades lúdicas no contexto da Educação Infantil é necessário que o professor proponha às crianças perguntas que agucem a sua curiosidade. O papel do educador será:

[...] orientar a criança a descobrir todas as possibilidades oferecidas pelos jogos, de pensar juntos, porém respeitando o momento de aprendizagem dos alunos. As sugestões devem ser enriquecidas pelas situações criadas pela própria criança. É interagindo com um meio rico em possibilidades de agir que ela sistematizará os conceitos e dominará as ações (p. 42-43).

Para que o professor se sinta seguro ao atuar frente às crianças propondo atividades lúdicas, o mesmo deverá realizar seus planejamentos antes de concretizar as atividades necessárias para aquela faixa etária e de como será o processo de realização da mesma. Para isso citamos Ostetto (2002) que aborda a importância da realização do planejamento:

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador diante de seu trabalho pedagógico (p.177).

Dessa maneira o planejamento deve ser utilizado como ferramenta que auxilia o professor durante suas atividades do dia-a-dia. O mesmo também deve ser utilizado como ferramenta de reflexão da sua própria prática.

Concomitantemente a isso não podemos esquecer de que para haver um melhor desenvolvimento das crianças e das atividades que estão sendo propostas o professor deve observar muito bem os espaços onde as atividades irão ser aplicadas. Para tanto percebemos a importância de se ter uma brinquedoteca nas instituições, a qual é apenas mais um espaço desse brincar e de acordo com Friedmann (1998) é um espaço preparado para a criança brincar, é um lugar onde tudo convida a explorar, sentir, experimentar. Entretanto sabemos que não é apenas no ambiente da brinquedoteca que acontece os vários tipos de brincadeira. O brincar pode e deve ser realizado em diversos ambientes; dentro e fora das salas de aula, no parque, na quadra.

Juntamente com Friedmann, Dytz e Cristo (1995) destacam que a ludoteca é: “um espaço privilegiado de brincadeiras que estimula a imaginação, a fantasia e a compreensão do mundo por parte da criança”. (DYTZ E CRISTO, 1995 *apud* CARVALHO, 2005, p.2).

Dessa forma, a brinquedoteca deve ser um ambiente que estimule a criatividade, um local que a criança brinque de faz-de-conta, dramatize, construa, encontre soluções para problemas, se socialize com outras crianças, invente, enfim, a brinquedoteca deve ser um mundo da fantasia, em que tudo pode e deve ser realizado.

Sabemos que nem todas as instituições podem contar com uma brinquedoteca em seu interior, por isso achamos interessante abordar também a necessidade de se organizar os pequenos espaços; os chamados cantos. Estes devem ser organizados de maneira harmoniosa com o tamanho da sala e a quantidade de alunos que a mesma sustenta. Os cantos podem e devem ser trocados com certa frequência; neles podem existir diversos brinquedos, objetos, fantasias, livros, sucatas, enfim, objetos que façam com que a criança sonhe,

desperte a sua imaginação, a criatividade e a socialização entre criança-criança e entre educador-criança. De acordo com Silva, Oliveira, Dimas e Alves (2008)

Cada novo canto, com novos temas e personagens, é um estímulo para a capacidade de criação das crianças e dos educadores. O canto dá oportunidade para interagirmos com as crianças. Dá oportunidade também para que haja interação entre elas (p.153).

A partir dessas observações concordamos com o posicionamento de Ostetto (2002) a qual relata:

Planejar é uma atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiência múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. [...] É flexível, e como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica (p.177)

Após termos feito essa abordagem a respeito do tema sobre a importância da ludicidade na Educação Infantil percebemos que essas atividades são de grande valia e importância para as crianças, pois sabemos que desde muito cedo elas o utilizam como maneira de tentar entrar no mundo dos adultos. Através deles as crianças satisfazem seus desejos, revelam suas angústias, entram no mundo da fantasia, utilizam um único objeto dando-lhe inúmeros significados, se socializam, aprendem a viver em comunidade, enfim, com eles as crianças se desenvolvem plenamente.

Sabemos que as crianças estão adentrando nas escolas cada dia mais cedo por conseqüência não somente do mundo moderno, mas também pela nova legislação vigente referente ao ensino de 9 anos. De acordo com o artigo 32: "O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão" (Brasil, 2006, p.1).

Dessa maneira verificamos que o papel do professor cresceu a partir dessa nova legislação, pois o mesmo necessita ter maiores preparos para lidar com a criança de 6 (seis) anos, tanto cuidado para que o desenvolvimento dessa criança seja o mais pleno possível. Entendemos que para ocorrer tal desenvolvimento o educador deverá rever sua prática, observar o cotidiano de sua sala, para depois

incluir em seus projetos atividades que juntamente com o lúdico propiciarão aprendizagem para a criança.

Dessa forma, citamos aqui Paschoal e Mello (2007) que nos relatam a respeito do trabalho dos educadores:

O desafio está em deixarmos as crianças livres para brincar num espaço provocador de experiências ricas e diversificadas e aprender a enxergar nessa atividade, todos aqueles objetivos que anunciamos em nossas práticas. Se aprendermos a ver no brincar todas as suas possibilidades, nosso trabalho será mais agradável para nós mesmos, educadores, e profundamente mais importante para nossas crianças, em seu presente e futuro (p.51).

Apresentamos que o brincar não deve ser utilizado em momentos que o professor não saiba o que fazer em sua sala de aula, sendo empregado como mero passatempo, mas sim como ferramenta que auxilie o professor a tornar seu trabalho mais eficiente e mais diversificado para seus alunos. Para isso, sua prática deve ser pensada e planejada antecipadamente, para que o mesmo se sinta mais seguro frente a sua difícil tarefa de ensinar. Ressaltamos que é necessário utilizar os diversos espaços existentes no ambiente escolar, pois sabemos que a criança necessita de lugares livres para brincar, lugares que provoquem experiências. A quadra, por exemplo, pode ser utilizada como um local onde as crianças de diversas idades se encontram ou pode ser utilizada em alguma atividade de matemática.

Ao longo de nossa discussão enfatizamos a importância do brincar nos espaços escolares e como esse brincar vem sendo utilizado como ferramenta de ensino-aprendizagem, para que por meio desta a criança possa aprender, se desenvolver e a conviver no mundo com diversas pessoas que a rodeiam. Andrade e Marques (2003) relatam:

A brincadeira para o adulto “até pode” ser compreendida como uma questão de passatempo. Para a criança, entretanto a brincadeira é uma questão de sobrevivência. Ela é a única ferramenta que ela possui para compreender o mundo e interferir na vida. Brincando, a criança desenvolve o corpo e seus ritmos, o relacionamento com as pessoas e seus limites (p.41).

Assim ressaltamos a importância da ludicidade frente ao desenvolvimento da criança. Salientamos que desde muito cedo a criança já

apresenta interesse pela brincadeira, pois é a partir dessa que ela começa a entender o mundo em que vive, expressa seus sentimentos, suas angústias, assume papéis, se fantasia, imagina, pensa, sorri, chora, aprende a conviver com o outro, a viver em sociedade e a negociar. Assim de acordo com Silva (2001) “É brincando que a criança expressa seus sentimentos e suas emoções. Desenvolve suas funções psicológicas, a imaginação, a confiança, a auto-estima, o auto-controle, a cooperação”. A autora ainda complementa: “[...] o brinquedo proporciona o aprender-fazendo, o companheirismo, a criatividade, a linguagem, o pensamento. Exercita suas potencialidades” (2001, p. 42).

A partir de todas as colocações expostas no decorrer deste capítulo, reconhecemos que as crianças estão adentrando nas escolas cada vez mais cedo por conta do processo do mundo moderno e pela nova legislação vigente; o ensino de 9 (nove) anos. Dessa forma, o papel do professor se torna indispensável para a formação dessas crianças, pois muitas passam grande parte do dia nas instituições escolares, passando o educador a ser a figura central para muitas delas. Por esse motivo, o professor deve utilizar das mais diversas formas de ensinar essas crianças. Acreditamos que o brincar pode e deve ser empregado como ferramenta desse ensino, pois de acordo com Garcia e Marques:

Quando as crianças brincam, observa-se a satisfação que elas experimentam ao participar das atividades. Sinais de alegria, risos, são componentes desse prazer. [...] A criança consegue conjugar seu mundo de fantasia com a realidade, transitando, livremente, de uma situação a outra (GARCIA e MARQUES, 1990. *apud* CÓRIA-SABINI, 2004, p. 27- 28).

Dessa maneira, verificamos que o educador é o elo mediador do processo de ensino-aprendizagem. Assim, ele deve constantemente rever sua prática, seus conceitos e suas condutas referentes ao brincar, sendo necessário redescobrir e reconstruir para si mesmo o gosto pelo lúdico, pois de acordo com Pereira (2002, p. 9):

Só podemos reconhecer uma criança se, nela, reconhecermos um pouco da criança que fomos e que, de certa forma ainda existe em nós. Provavelmente tivemos medos, aventuras, birras, alegrias e frustrações, e tudo isso uma criança também vive em nossos dias.

Considerando nossas colocações vimos a importância do brincar frente ao desenvolvimento da criança. Sabemos que durante a brincadeira ela passa a entender o mundo a sua volta, ela fantasia, imagina inúmeras possibilidades para entender o mundo dos adultos. Pela brincadeira de faz-de-conta a criança se “transforma”, vira professora, mãe, pai, um gatinho, um cachorro, ou seja, consegue concretizar ações vivenciadas socialmente utilizando-se de inúmeros objetos que estão a sua volta. Às vezes um pouco de folha das árvores pode ser utilizada como comida que uma mãe dá ao seu filho, um pedaço de madeira pode ser utilizado como colher, enfim, durante o brincar as crianças aprendem diversas e infinitas maneiras de compreender tudo a sua volta. Nesse processo salientamos que o professor entra como uma das figuras principais desse desenvolvimento infantil, já que geralmente as crianças passam a maior tempo nas escolas com a companhia do mesmo. A partir dessas colocações vemos que o professor é um mediador do processo de ensino-aprendizagem e por isso concordamos com Pereira (2002) quando afirma: “Educar é um ato de coragem e de ousadia” (p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pretendeu-se apresentar a relação existente entre o brincar e o desenvolvimento da criança dentro das Instituições de Educação Infantil. Para isso abordamos a visão de criança nos diferentes momentos da sociedade, mostrando que em cada período os pequenos eram vistos de diferentes maneiras; ora como um ser insignificante, ora como hoje, um ser possuidor de “direitos”. Dessa forma, vimos que na Antiguidade as crianças eram vistas como seres inferiores, incompletos. Na sociedade Medieval a concepção de infância não existia. Já na era moderna a criança passa a ser vista como adulto em miniatura tendo a necessidade de se proteger a criança. Nos dias de hoje, vemos que a criança é vista como um ser de direitos e de identidade própria. Estes diferentes entendimentos evidenciam que as concepções variam de acordo com o contexto social em que estão inseridas.

Pretendeu-se também apresentar a diferença entre brincadeira, jogo e brinquedo. Dessa maneira, salientamos que a brincadeira é um momento que oferece alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno para as crianças. A partir dela, observamos como a criança vê o mundo em que está inserida; ela se fantasia, inventa seu próprio mundo.

A partir dessas perspectivas salientamos a importância da utilização dos jogos e brincadeiras no ambiente escolar, pois é sabido que os primeiros anos de vida da criança são essências para a formação da mesma. Sabe-se que esta etapa deve ser completa, já que este é um período em que a criança está construindo sua própria identidade. Nesse processo, destacamos a importância do professor frente a esse desenvolvimento, a relevância do planejamento, da observação na sala e da utilização de todos os espaços existentes na instituição de educação infantil, fazendo com que a criança amplie seus conhecimentos a respeito do mundo em que vive. Dessa forma, constatamos que o professor é o elo mediador do processo de ensino-aprendizagem. Portanto ele deve constantemente rever sua prática, seus conhecimentos e suas condutas referentes ao brincar.

Dentro de tal estudo compreendemos a importância da organização do professor, do planejamento e das observações realizadas no cotidiano do ambiente escolar de Educação Infantil. Entendemos que o planejamento é uma

ferramenta de grande importância para o professor, pois nele o mesmo deve se organizar, refletir a respeito das atividades que serão aplicadas durante a rotina das crianças. Dessa maneira o professor se sente mais seguro e conseqüentemente as crianças também.

Procuramos também destacar a importância da instituição de Educação Infantil possuir uma brinquedoteca, pois nela as crianças brincam de faz-de-conta, constroem, se socializam com outras crianças, inventam. Ela deve ser vista como um mundo de fantasia. Discutimos também a respeito da importância da existência dos cantos dentro das salas de aula, pois isso oferece oportunidade para que haja interação entre as crianças.

Dessa maneira, durante as leituras realizadas no decorrer deste trabalho, verificamos que a atividade lúdica é de fundamental importância na vida da criança, pois ela possibilita repetição, realização simbólica dos desejos, desperta a fantasia e dá à criança liberdade de ação. Ao brincar, a criança passa a entender o mundo, fantasia e imagina.

A criança pode e deve ter um tempo para o brincar livre, porém este não deve ser utilizado o período todo em que as crianças permanecem dentro da instituição escolar, este brincar deve ser dosado, mas com objetivos definidos.

Diante do exposto, consideramos que as leituras realizadas, as discussões feitas foram fundamentos para compreendemos que com o universo lúdico a criança passa a entender o mundo em que vive, ela aprende, se expressa, mostra seus medos, compreende o outro, aprende a viver em sociedade, enfim, a partir do brincar a criança se desenvolve plenamente.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ANDRADE, Cyrce M. Junqueira de. Vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar: o brincar na creche. In: OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 69-105.

ANDRADE, Cyrce. MARQUES, Francisco. Brinquedos e brincadeiras: o fio da infância na trama do conhecimento. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *et. al.* **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: LCT, 2006.

AZEVEDO, Heloisa Helena. SILVA, Lúcia Isabel da C. A Concepção de Infância e o Significado da Educação Infantil. **Espaços da Escola**, Editora Unijuí, ano 9 nº 34, out./dez, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 19 mar. 2010.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-industrial.htm>. Acesso em: 09 nov. 2010.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 19 mar. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações gerais**. Disponível em: www.mec.gov.br (Acesso em julho/2010).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARVALHO, Mascote Alysson; ALVES, Fernandes Michelle Maria; GOMES, Domingues Lara de Priscila. **Brincar e educação: concepções e possibilidades**. v.10, n.2, Maringá mai./ago, 2005. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2010.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida e LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. In: Friedmann Adriana. *et. al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: Edições Sociais: Abring, 1998.

DIAS, M. C. M. Metáfora e pensamento: Considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: Kishimoto, T.M. (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

Dytz, J. & Cristo, R. (1995). A ludoteca como espaço para uma nova abordagem de educação em saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 48 (2), 134-139

ELKIND D. E. **Crianças e adolescentes: Ensaio interpretativo sobre Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo. Edições Sociais. Abring, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezzato. Froebel: uma pedagogia do brincar para infância. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezzato. **Pedagogia (s) da infância: Dialogando com o passado construindo o futuro**. Editora: artmed. Porto Alegre. 2007, p. 36-60.

KUHLMANN Júnior, Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Atividades Lúdicas para a Educação Infantil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

MASCIOLI, S. A. Z. Brincar um direito da infância e uma responsabilidade da escola. In: Angotti, Maristela (org). **Educação Infantil Para que, para quem e por quê?** Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.

MORENO, Gilmara Lupion. Infâncias, memórias e culturas: as crianças no cinema, na literatura e nas artes plásticas. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado *et. al.* **As crianças e suas infâncias**: o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Os primeiros passos da história da educação infantil no Brasil. In: OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002, p.91-104.

_____. Novos tópicos na história da educação infantil no Brasil. In: OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002, p. 107- 120.

_____. A brincadeira e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. In: OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.159-163.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda . (Org). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MELLO, Suely Amaral. A importância dos jogos e das brincadeiras na infância, In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007.

PEREIRA, Eugenio Tadeu. Brinquedos e infância. **Revista da Criança – do professor de educação infantil**, Belo Horizonte, n. 37, p.7-9, nov. 2002.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. *et. al.* Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia, Caderno de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p.169-179, maio/ago. 2006.

SILVA, Lésia M. Fernandes *et. al.* O canto que conta tanto: a organização de pequenos espaços. In: Batista, Cleide Vitor Mussini. **Entre fraldas mamadeiras risos e choros**. Editora: autores paranaenses. Londrina. 2008, p.152-153.

SILVA, Marli Teresinha. Brinquedo: função educativa no desenvolvimento humano. **Poieses**, Revista científica em educação, Tubarão, v.3, n.5, p.29-44, jan/dez, 2001.

SILVA, P. Stahlschmidt Léa, *et al.* O brincar como portador de significados e práticas sociais. **Revista do Departamento de Psicologia**, Niterói, v.17, n.2, jul./dez, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000200007&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 12 jan. 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Educação Infantil integrando pré-escolas e creches na busca da socialização da criança. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brasil 500 anos**: tópicos em história da educação. Editora da Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo. 2001, p. 225-239.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEISS, Luise. **Brinquedos & Engenhocas**. São Paulo: editora: Scipicione, 1989.